

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022

Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

APRESENTAÇÃO

SENTIDOS E AFETOS EM TEMPOS DE CRISE

José Roberto Pellini*, Mariana Petry Cabral**

Em 2020, um querido ator brasileiro suicidou-se. Com 85 anos de idade, Flávio Migliacio deixou uma carta justificando sua morte com a frase: *A humanidade não deu certo. Eu tive a impressão que foram 85 anos jogados fora... cuidem das crianças de hoje*. Refletindo sobre a frase de Flávio, e olhando o avanço descontrolado da pandemia de COVID-19, nos perguntamos: a humanidade realmente não deu certo?

Não é de hoje que o mundo está em crise, a diferença agora é que o vírus invisível nos fez enxergar, como nunca antes, e com um alcance realmente global, a dimensão da crise que nos afeta. Não podemos mais nos esconder. Muitos preferiram não ver os massacres do Boko Haran, muitos preferiram ignorar a crise de refugiados da Síria, muitos silenciaram diante do avanço das políticas de discriminação. Mesmo agora, depois de tantas mortes e diante da chegada de uma nova variante, a Ômicron, há pessoas que preferem não ver: não ver os corpos sem vida sendo enterrados aos milhares em covas comuns, embalados em sacos plásticos, sem parentes por perto, uma morte desinfetada; não ver governos inconsequentes optando pela economia em detrimento da vida; não ver a fome e as pessoas coletando ossos pois não têm o que comer; não ver a guerra, a falta de solidariedade, as desigualdades que nos afetam cotidianamente.

Estamos neste estranho momento em que a crise se evidencia, porém quem nos ataca é invisível, sorrateiro, um vírus à espreita de corpos. Não à toa, nos vemos então pensando sobre quem somos, o que queremos, e – afinal – para que serve a arqueologia, nosso trabalho cotidiano. Qual o papel da arqueologia em toda esta crise? Como a arqueologia contribuiu ou não para chegarmos a este momento quase apocalíptico? Como ela pode nos ajudar a entender este processo todo? E de que modo a pandemia nos impactou ao seguirmos fazendo e pensando arqueologia?

* Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais,

E-mail: jrpellini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3012-5288>.

** Departamento de Antropologia e Arqueologia, Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFMG.

E-mail: nanacabral75@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0305-5341>.

Em confinamento nas nossas casas, vivemos agora uma *Arqueologia em Quarentena*. As limitações desta restrição nos impactam dos mais diversos modos, nos provocam dúvidas práticas e existenciais, restringem ações, mas também oferecem possibilidades. Haverá algo que a arqueologia possa fazer para sairmos desta crise como pessoas melhores, pesquisadoras melhores, uma disciplina melhor? Se o vírus nos fez ver a crise, será também capaz de nos fazer ver, construir ou fortalecer alternativas? Haverá de fato alternativas? Até que ponto pensar a arqueologia é relevante nesse contexto?

A partir destas questões e outras que daí derivam, este dossiê – que chamamos de *Arqueologia em Quarentena* – reuniu um grupo de autoras para debater a disciplina. São pessoas que falam a partir de múltiplos lugares, ativando bagagens diversas (sejam acadêmicas ou não) e compartilhando experiências, reflexões e mesmo angústias. Todas nos provocam, a partir de diferentes caminhos, a olhar com atenção para o interior da disciplina, para os modos como pensamos e praticamos a arqueologia.

O dossiê abre com José Roberto Pellini e Caroline Murta discutindo os medos e afetos gerados pela pandemia e como isso influencia nossas percepções do mundo. Seu texto parte do exemplo do álcool, das máscaras e das materialidades digitais para mostrar que o mundo e a realidade não são formados por categorias fixas, mas por elementos que ganham forma a partir de relações. Neste sentido, o mundo seria formado por potencialidades indeterminadas que se atualizam de uma forma ou de outra a partir de fenômenos relacionais. Para José e Caroline, neste período de pandemia, muitas materialidades que antes eram vivenciadas como objetos, se tornaram sujeitos que passaram a determinar, condicionar e delimitar nossas ações, comportamentos e possibilidades.

Também discutindo como os afetos impactam e atualizam nossa percepção de mundo, Daniel Grecco Pacheco discute como o trabalho arqueológico foi alterado durante a pandemia. Segundo o autor, a prática arqueológica em quarentena perde o seu sentido básico e vai contra a própria ideia do que ele entende como arqueologia: algo constituído pela constante intra-ação de seres, objetos, pessoas, paisagens, impulsionada pelos afetos e sensações no estabelecimento de complexas assembleias. Para Daniel, a Arqueologia é acima de tudo uma prática relacional e afetiva, composta pela presença de fluxos em um constante devir. Um trabalho coletivo e plural resultante da atuação de diferentes entes, seres e pessoas.

Para Alejandro Haber, a pandemia expôs o que é e o que não é arqueologia, o que é e o que não é conhecimento. Para Alejandro, uma vez que as premissas e regras e os procedimentos e limites da Arqueologia são colocados em quarentena, o conhecimento como representação do mundo embaça seus álibis e é encontrado na relação; não como um novo foco de atenção, mas como o que é. Ao contrário do que as ciências sociais promovem como conhecimento sobre o relacionamento, ele nos mostra que conhecimento é relacionamento. Retornando a relação ao centro da cena, o conhecimento não representa a relação, mas sim o que, em última análise, ela é.

Cornelius Holtorf, seguindo uma linha de discussão parecida, argumenta que a pandemia nos fez lembrar do progresso, seja pelo lado bom, exemplificado pelo

rápido desenvolvimento de vacinas contra a COVID-19, seja pelo lado ruim, como no caso da destruição do meio ambiente. Segundo Cornelius, a maneira como vamos lidar com estes extremos determinará que tipo de arqueologia iremos praticar daqui para frente.

Entender como a pandemia nos afetou, não apenas como pessoas, mas também como arqueólogues, é um ponto fundamental para pensarmos alternativas mais inclusivas e abertas em nossa prática disciplinar. Neste sentido, Patricia Ayala parte de uma autoetnografia da pandemia, focada em como a quarentena repercutiu em suas pesquisas e em seu cotidiano como mulher, mãe, filha e arqueóloga. Como nos mostra Patricia, se concebermos a autoetnografia como uma tentativa de aprender sobre os processos sociais, culturais e ou políticos por meio da exploração pessoal, essa introspecção pode contribuir para a compreensão da crise da saúde e da produção cotidiana da arqueologia.

Gabrielle Reis e Isabella Alves Guimarães também partem de suas experiências pessoais em meio à pandemia da COVID-19 para trazer o que chamam de reflexões críticas-poéticas sobre a quarentena. O debate proposto por Gabrielle e Isabella é construído por um diálogo guiado pelas teorias arqueológica e antropológica feministas e descoloniais, buscando entender e nos instrumentalizar na construção de pontes de relação e resistência, nas insistências das vidas e das vozes.

Partindo de uma catarse pessoal, Juan Villanueva faz um relato sobre a complicada confluência do coronavírus e do governo boliviano durante 2020, e o que isso implicou em termos de arqueologia e relações com as populações locais, especialmente na cidade de La Paz. A ideia de Juan é que a arqueologia acadêmica boliviana está em quarentena perpétua e tem pouco ou nenhum impacto social, ainda menos na época da COVID-19. Porém, como ele nos alerta, as arqueologias de comunidades e bairros, entendidas como memórias materiais atualizadas para dialogar com o vírus, estão mais vivas do que nunca e têm sido vitais no enfrentamento desta crise.

O enfrentamento à crise acirrada pela pandemia também perpassa o texto de Luciana de Castro Nunes Novaes, que ativa a Educação Patrimonial como caminho poderoso para a discussão de relações étnico-raciais em ambientes virtuais. Ativando diálogos entre arqueologia e dança, Luciana parte de seu lugar de escrita e sua vivência em religiões de matriz africana para refletir teórica e metodologicamente sobre a atuação crítica da educação patrimonial.

A atuação em ambiente virtual marca as reflexões de Mariana P. Cabral e Marcia Bezerra, que trazem suas experiências como docentes de arqueologia em duas universidades federais durante a pandemia. Seu texto nos conduz a ativarmos de modo mais direto os afetos, as emoções e as sensibilidades nas nossas práticas. Mais do que reflexões para o período de ensino em modo remoto, elas nos incitam a fortalecer caminhos para a construção de uma arqueologia mais afetiva, ativista e transformadora.

No artigo de Rhuan Carlos dos Santos Lopes, Anna Barbara Cardoso da Silva, Wagner da Veiga e Silva e Vera Lúcia Mendes Portal, são expostos os desafios da prática cotidiana do trabalho em uma reserva técnica de arqueologia durante a crise sanitária mundial. Partindo de um viés autoetnográfico e coletivo, o grupo

expõe as dificuldades e as soluções construídas para resistirem à execução de um projeto que demandava estarem longe de casa e em convívio intenso, produzindo uma reflexão sensível que liga diferentes escalas ativando o caráter relacional que perpassa nossa disciplina.

Outra experiência de campo bastante afetada pela pandemia da COVID-19 é apresentada por Reykel Diniz de Araújo. Sua pesquisa na Vila Histórica de Mambucaba, no litoral do Rio de Janeiro, entrelaça estruturas tombadas, as pessoas do lugar e o processo de acautelamento. A pandemia, no entanto, acabou por abrir um novo campo de investigação, um grupo de mensagem por aplicativo, que o autor nos apresenta refletindo sobre novas abordagens em modo remoto na construção de relações com as pessoas, os prédios e o patrimônio tombado.

O uso de novos meios de comunicação na pandemia também serve de mote para o ensaio de Alex Martire, que versa sobre a ciberarqueologia no contexto da pandemia. A partir das ações desenvolvidas por um grupo de pesquisa, ele expõe suas opiniões e experiências no uso de meios digitais de comunicação para acessar públicos mais amplos, motivando uma maior adesão da ciberarqueologia com a divulgação científica.

A ampliação do uso de redes sociais como meio de divulgação e difusão científica foi observada e analisada por Glória Tega Calippo, que traz dados detalhados e reflexões importantes sobre a comunicação da arqueologia em tempos de pandemia. Tomando como exemplo as redes sociais de quatro grandes museus brasileiros, ela investiga as postagens de arqueologia e discute as representações do passado que têm sido construídas nas redes sociais.

Encerrando nosso dossiê, temos uma nota de pesquisa de Gustavo Santos Silva Junior. A partir de sua dissertação de mestrado em andamento, ele discute o lugar da saúde como caminho estrutural para pensar e interagir em campo com comunidades tradicionais.

O conjunto de 13 artigos e uma nota de pesquisa formando este dossiê é mais um testemunho da gravidade do impacto que a pandemia da COVID-19 gerou. Ao escrevermos esta introdução, beirando o absurdo número de 620 mil pessoas mortas pela COVID-19 no Brasil, é difícil acreditar em caminhos mais justos e democráticos. No entanto, as contribuições que cada pessoa trouxe para este dossiê, seja compartilhando vivências e aprendizados, seja refletindo sobre desafios e soluções, seja relatando processos de pesquisa e produção de conhecimento, demonstram nossa resiliência. Este dossiê nos mostra que ainda somos capazes de nos repensar e nos reconstruir, ativando afetos e memórias na construção de reflexões críticas sobre nossa disciplina e suas práticas. E este pode ser um dos caminhos de cura contra a colonialidade que nos assola.

Cuidem-se e aproveitem a leitura.